Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

Artigo original • Acesso aberto

A produção do engajamento militante: experiência do Instituto Educar (MST)

The production of militant engagement: the experience of Instituto Educar (MST)

Julia Latorres de Souza Mittelmann **Marcelo Kunrath Silva**

Resumo
Este artigo investiga como a experiência educativa na Faculdade de Agronomia do MST, localizada em Pontão/RS, atua na produção do engajamento militante dos estudantes com o MST e suas pautas. O estudo parte da análise das trajetórias de vida dos estudantes, fundamentais para a formação de suas disposições e identidades, e examina as dinâmicas vivenciadas no cotidiano da instituição. Busca-se compreender em que medida os quadros interpretativos do Movimento são incorporados pelos estudantes e como o Instituto Educar mobiliza esses quadros para a formação de militantes. A metodologia adotada é qualitativa, combinando revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas semiestruturadas com três estudantes, a fim de compreender as dinâmicas sociais na faculdade e as trajetórias individuais dos alunos. Os resultados indicam que o Instituto Educar propicia um ambiente no qual operam mecanismos de socialização militante, conexão estrutural e alinhamento identitário, que tendem a construir ou reforçar disposições e recursos para o engajamento militante.
Palavras-chave: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Engajamento Militante. Engajamento Político. Formação Política. Instituto Educar.

Abstract
The article investigates how the educational experience in the Agronomy college of the Landless Workers Movement, in Pontão/RS, shapes students' activist engagement with the Movement and its agendas. The study is based on an analysis of students' life trajectories, fundamental for the formation of their dispositions and identities, and examines the dynamics experienced in the institution's daily life. It also seeks to understand to what extent the Movement's interpretative frames are incorporated by the students and how the college mobilizes these frames to form militants. This qualitative study combines literature review, participant observation and semi-structured interviews with three students to understand the social dynamics within the college and the individual trajectories of the students. The research shows that Instituto Educar fosters an environment in which acts mechanisms of militant socializations, structural connection, and identity alignment operate, which tend to build or reinforce dispositions and resources for activist engagement.
Keywords: Landless Workers Movement. Militant Engagement. Political Engagement. Political Education. Instituto Educar.

Citação sugerida
MITTELMANN, Julia Latorres de Souza; SILVA, Marcelo Kunrath. A Produção do Engajamento Militante: experiência do Instituto Educar (MST). Revista IDeAS, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-30, e026006, jan./dez. 2026.

DOI: https://doi.org/10.36920/wwk6yg89

Licença: Creative Commons - Atribuição/Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

Submissão:
15 abr. 2026

Aceite:
18 mai. 2026

Publicação:
12 ago. 2026

Introdução

O presente artigo tem como objetivo compreender a influência da experiência educativa na construção do engajamento militante de estudantes. A análise desenvolvida baseia-se empiricamente na experiência do Instituto Educar, uma faculdade de Agronomia vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizada em Pontão, Rio Grande do Sul, onde ocorreu a primeira ocupação do MST como movimento organizado.

A faculdade foi criada em 2012, em parceria com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), como um curso descentralizado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). O Instituto Educar tem como referência pedagógica o modelo de Educação do Campo, que, segundo Martins (2021), caracteriza-se pelos seguintes pilares: (1) a escola deve ter uma base comunitária, criada para as famílias dos agricultores, a fim de possibilitar o desenvolvimento sustentável da comunidade; (2) os saberes escolares devem estar articulados aos saberes comunitários, por meio, por exemplo, da Pedagogia da Alternância; (3) a escola deve valorizar a vida rural e a agricultura familiar; e (4) a escola deve estar articulada ao trabalho no campo, à família e ao Estado.

O MST teve como um de seus princípios, desde sua fundação, a promoção de uma educação que atendesse às demandas dos acampados e assentados da reforma agrária, respeitasse a produção do campo e valorizasse a história de luta dos movimentos sociais (Fernandes, 2008). Essa breve apresentação permite perceber que o Instituto Educar proporciona uma experiência bastante particular às suas estudantes[1], em comparação com outras instituições de ensino. Sendo um curso coproduzido por meio da parceria entre uma instituição pública de ensino e uma organização de movimento social, ele conjuga uma dupla intencionalidade: a formação profissional e a formação política. A pesquisa desenvolvida aborda se e como essa segunda intencionalidade se expressa em termos do engajamento militante das estudantes do Instituto.

O engajamento militante é definido neste artigo como a "participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa" (Sawicki; Siméant, 2011, p. 201). Conforme o modelo analítico elaborado por Silva e Ruskowski (2016), o engajamento militante é compreendido como o resultado de um processo complexo que depende de condições e mecanismos específicos. Tendo esse modelo como referência, o artigo argumenta que, ao longo da experiência educativa das estudantes no Instituto Educar, operam três mecanismos centrais para a construção do engajamento militante: a socialização militante, a conexão estrutural e o alinhamento identitário. Com base em uma pesquisa que envolveu observação participante e entrevistas semiestruturadas, o artigo desenvolve uma análise que objetiva demonstrar

empiricamente como esses mecanismos se fazem presentes nas atividades cotidianas realizadas no Instituto Educar.

O artigo está estruturado da seguinte forma: a seção seguinte apresenta, de forma sintética, as teorias que dialogam com o tema, o modelo de análise adotado e a metodologia de pesquisa; a seção subsequente apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida; a terceira seção analisa tais resultados, de modo a responder ao problema de pesquisa; por fim, a seção final sintetiza as conclusões da pesquisa e aponta aspectos que podem ser aprofundados em estudos futuros.

Teoria e método

A pesquisa investiga o engajamento militante de estudantes do Instituto Educar, em sua maioria provenientes de assentamentos da Reforma Agrária. A quase totalidade desses estudantes, com idades entre 18 e 34 anos, pode ser inserida na categoria de juventude rural. Segundo Castro (2009), à juventude rural frequentemente é atribuída uma suposta falta de interesse pela permanência no campo, o que tenderia a gerar um contínuo êxodo rural. A autora defende que há outros elementos que influenciam essa decisão, como a negação de direitos e as condições de vida desfavoráveis no campo. Muitas vezes, o acesso à escola é dificultado, obrigando crianças e adolescentes a percorrer longas distâncias para estudar. De acordo com Silva Júnior (2020), essa é apenas uma das violências simbólicas enfrentadas pela juventude rural. Além disso, há o estigma por parte dos colegas da cidade e a dificuldade de acesso ao Ensino Médio e à universidade, o que frequentemente obriga esses jovens a estudarem em centros urbanos. Universidades rurais são escassas, de modo que, se o jovem deseja dar continuidade aos estudos, muitas vezes não consegue fazê-lo no campo.

Castro (2009) e Silva Júnior (2020), por sua vez, enfatizam que a maior parte desses jovens trabalha na agricultura familiar, contexto em que os conflitos geracionais são muito presentes e em que, muitas vezes, seu trabalho não é valorizado pelos mais velhos. Trata-se de uma sociedade muito patriarcal, na qual as jovens mulheres sofrem com regras mais rígidas e restrições. O lazer também é escasso, restringindo-se, muitas vezes, a uma quadra de futebol - ambiente do qual as mulheres também são excluídas - e aos grupos religiosos, nos quais, frequentemente, são ignorados pelos líderes mais velhos.

Jovens do campo, diante desse cenário, mobilizaram-se para lutar por seus direitos, transformando a juventude rural em uma categoria política. Segundo Barcellos (2014), essa inserção no campo político ocorreu, em grande medida, devido à atuação dos movimentos sociais do campo, dentre eles o MST, que deram apoio aos jovens para que se organizassem e reivindicassem pautas específicas da juventude rural, como educação, cultura e lazer. Moura, Silva Júnior e Silva (2021) resgatam a história da construção da juventude rural como

ator político entre 1990 e 2000. Nesse período, o grande número de jovens que deixavam o campo começou a chamar a atenção dos movimentos campesinos, uma vez que esse fenômeno colocava uma série de problemas para a manutenção das famílias agricultoras e de suas unidades produtivas, inclusive nos assentamentos da reforma agrária. Tal situação impôs aos movimentos a necessidade de construir alternativas que oferecessem perspectivas de futuro à juventude rural. O Instituto Educar, ao oportunizar a construção de carreiras profissionais e/ou militantes para seus estudantes, constitui uma resposta aos dilemas e desafios da juventude rural. O estudo desenvolvido buscou analisar se e como essa iniciativa tem produzido ou fortalecido o engajamento militante das jovens que vivenciam os processos educativos desenvolvidos no Instituto Educar.

Apesar da existência de uma literatura nacional dedicada à análise de diferentes dimensões e aspectos do engajamento militante (Anjos, 2008; Brenner, 2011a e 2011b; Coradini, 2006 e 2010; Moreno; Almeida, 2009; Oliveira, 2010; Reis, 2007; Seidl, 2009a e 2009b; Silva; Ruskowski, 2010; Tomizaki; Rombaldi, 2009), esse ainda tende a ser um tema relativamente secundarizado na agenda dos campos de estudo no Brasil que, direta ou indiretamente, envolvem processos de engajamento, tais como os estudos sobre movimentos sociais, associativismo, participação política e sindicalismo, entre outros.

Os estudos sobre engajamento militante apresentam diversas abordagens teóricas que propõem e disputam explicações para os processos de (des)engajamento, bem como para as diferenças nas formas e intensidades de engajamento observadas nesses processos. A partir de uma revisão da literatura sobre engajamento militante, Silva e Ruskowski (2016) identificaram quatro abordagens que tendem a ocupar uma posição predominante nesse campo de estudos: a disposicional, a identitária, a relacional e a retributiva.

A abordagem disposicional, fortemente influenciada pela teoria do habitus de Pierre Bourdieu, enfatiza a importância da construção de disposições e recursos que oportunizam a (re)produção do engajamento e, consequentemente, o desenvolvimento de uma carreira militante. Nessa abordagem, os processos de socialização que ocorrem nos diferentes espaços sociais pelos quais os indivíduos transitam ao longo de suas trajetórias de vida podem constituir disposições e recursos para o engajamento, os quais podem ser acionados em determinadas situações, construindo propensões ao engajamento. Trabalhos como os de Matonti e Pompeau (2006) e Fillieule (2010), com suas devidas especificidades, exemplificam essa abordagem.

A abordagem identitária, que tem como uma de suas referências centrais a denominada Teoria dos Novos Movimentos Sociais (Melucci, 2001), destaca a importância dos processos de identificação construídos entre os indivíduos e destes com determinados grupos ou organizações para a construção e a sustentação do engajamento militante ao longo do tempo. O compartilhamento de determinados referenciais identitários, conformando

um "nós" coletivo ao qual os indivíduos sentem pertencer e desejam pertencer, constituiria um elemento indispensável para a produção e a manutenção de ações coletivas baseadas no engajamento voluntário. Argumento semelhante pode ser encontrado na teoria dos enquadramentos interpretativos. Segundo Silva e Ruskowski (2012, p. 200):

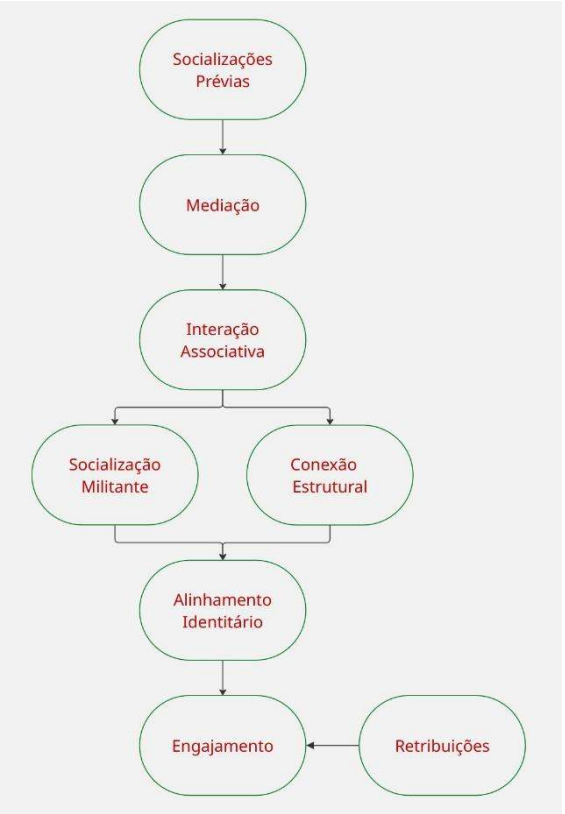
> a abordagem dos enquadramentos, assim como a perspectiva identitária (...), mantém seu argumento central de que a construção de um alinhamento entre as molduras que orientam as interpretações e as ações dos indivíduos que constituem ou buscam constituir determinada coletividade é um mecanismo central na (re)produção das ações coletivas.

A abordagem relacional, por sua vez, tende a mobilizar duas referências teóricas principais: o interacionismo simbólico (Fillieule, 2001 e 2010; Sawicki; Siméant, 2011) e a teoria das redes (Diani, 2003; Diani; McAdam, 2003; McAdam; Paulsen, 1993; Mische, 1997, 2003 e 2008; Passy, 2003; Passy; Giugni, 2000). Apesar de suas diferenças, essas duas abordagens atribuem precedência explicativa às inserções relacionais dos indivíduos nos diferentes espaços e situações sociais pelos quais transitam em cada período do ciclo de vida e ao longo do tempo. Para essas teorias, o engajamento dependeria, primeiramente, de sua presença como possibilidade nos espaços sociais ou nas redes de sociabilidade pelas quais os indivíduos circulam. Em segundo lugar, dependeria também de um alinhamento (ou, ao menos, de uma não oposição) entre o espaço do engajamento e suas relações e outros espaços e relações significativos para o indivíduo.

Por fim, a abordagem retributiva parte das problematizações de Olson (1999) sobre a tendência ao não engajamento em ações coletivas e dialoga, ainda, com a problematização de Bourdieu (1996) sobre a "ação desinteressada". Recusando uma redução do interesse às recompensas materiais e econômicas, essa abordagem busca compreender as motivações e os interesses que produzem e sustentam trajetórias de engajamento, rompendo com uma visão espontaneísta e ingênua (Gaxie, 2005).

Em um esforço de síntese, enfatizando menos as divergências e mais as complementaridades entre tais abordagens, Silva e Ruskowski (2016, p. 212) propuseram o seguinte modelo analítico, identificando as condições e os mecanismos que tendem a operar de forma articulada nos processos de engajamento militante:

Figura 1 - Condições e mecanismos do engajamento militante



Fonte: Silva e Ruskowski (2016).

De acordo com esse modelo, o processo de engajamento militante tende a depender de um conjunto de mecanismos que atuam por meio das interações que os sujeitos estabelecem nos espaços sociais em que se inserem. Mais especificamente, ao interagirem em espaços associativos vinculados a determinadas causas sociais e políticas, tenderiam a produzir-se processos de socialização militante (incorporação de símbolos, discursos, comportamentos etc. que identificam a causa e seus promotores) e de conexão estrutural (construção de relações afetivas, de confiança e de comprometimento com pessoas que integram organizações e redes promotoras da causa). Articulado aos processos de socialização militante e de conexão estrutural, encontra-se o processo de alinhamento identitário. Nesse processo, por meio de interações e negociações entre os indivíduos e destes com o grupo ou a organização, produzir-se-ia um alinhamento entre a identidade pessoal e a identidade coletiva, entre o eu e o nós, fundamental para o engajamento individual em uma ação coletiva sustentada ao longo do tempo.

Ao mobilizar esse modelo para analisar se e como a experiência educativa de estudantes do Instituto Educar constitui um processo de construção do engajamento militante, adota-se o argumento de que o Instituto

constitui um espaço social que propicia, de forma explícita e intencional, um ambiente no qual ocorre intensa interação entre as estudantes e destas com pessoas identificadas com causas e movimentos sociais (particularmente o MST). Tal interação é potencializada pelo regime de internato que caracteriza o tempo-escola. Por meio dessa interação de alta intensidade, que ocorre nas atividades realizadas cotidianamente pelas estudantes no Instituto, operariam os mecanismos de socialização militante, conexão estrutural e alinhamento identitário. O resultado esperado é que essa experiência produza uma forte identificação das estudantes com o MST, seja pelo reforço de convergências identitárias previamente existentes, seja pela construção de novos referenciais identitários. Tal sentimento de pertencimento coletivo, fundado em bases afetivas e ideológicas, constitui um elemento que amplia as possibilidades de construção de carreiras militantes entre as egressas do Instituto Educar.

O caso pesquisado possui uma especificidade que tem implicações importantes para a análise desenvolvida e que, por isso, deve ser destacada: na medida em que o processo seletivo para ingresso no Instituto Educar demanda uma vinculação das candidatas com assentamentos da reforma agrária, a quase totalidade das estudantes possui um histórico prévio de relações mais ou menos próximas com o MST. Tais relações variam desde trajetórias de engajamento prévio de alta intensidade até a experiência familiar de assentados, mas sem engajamento militante ou mesmo identificação com o movimento. Em vista disso, observou-se, por meio da observação participante e das entrevistas realizadas, que uma parcela significativa das estudantes apresenta socializações prévias que conformam disposições ao engajamento, uma vez que possuem significativa convergência identitária com o MST. No entanto, durante as entrevistas e de acordo com os relatos das estudantes obtidos na observação participante, foram identificadas algumas trajetórias divergentes, nas quais essas socializações prévias estavam ausentes. Tal variedade de trajetórias constitui uma riqueza empírica do caso estudado, possibilitando avaliar como operam os mecanismos que visam à construção do engajamento militante em indivíduos com diferentes processos de socialização e identificações prévias.

Para testar a pertinência e a sustentabilidade empírica dos argumentos apresentados acima, a pesquisa consistiu, além da revisão bibliográfica sobre o tema do engajamento militante, em duas etapas. A primeira etapa consistiu em uma observação participante, por meio da qual a pesquisadora pôde compreender o cotidiano dos estudantes no Instituto Educar, suas formas de organização e as atividades desenvolvidas durante o semestre. Durante a observação, a pesquisadora elaborou um diário de campo que, posteriormente, foi analisado com base na perspectiva teórica adotada.

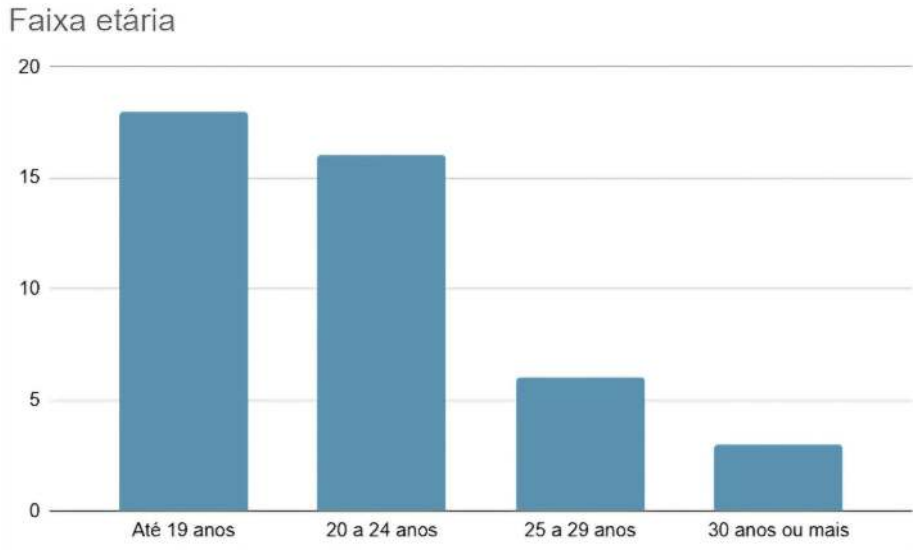
A segunda etapa consistiu na realização de três entrevistas semiestruturadas. Os estudantes entrevistados foram selecionados com base nas observações realizadas durante o período em que a pesquisadora esteve na

faculdade, considerando dois critérios: diferenças de perfil e de trajetória, especialmente no que se refere às relações prévias com o engajamento militante e o MST; e diferenças no envolvimento com as atividades desenvolvidas no Instituto Educar durante o período de observação. O roteiro de entrevista abordou as trajetórias dos estudantes antes do ingresso no Instituto, suas experiências durante o período de formação na faculdade e suas expectativas em relação ao futuro, com destaque para suas percepções e avaliações acerca do engajamento militante durante esse período.

Resultados

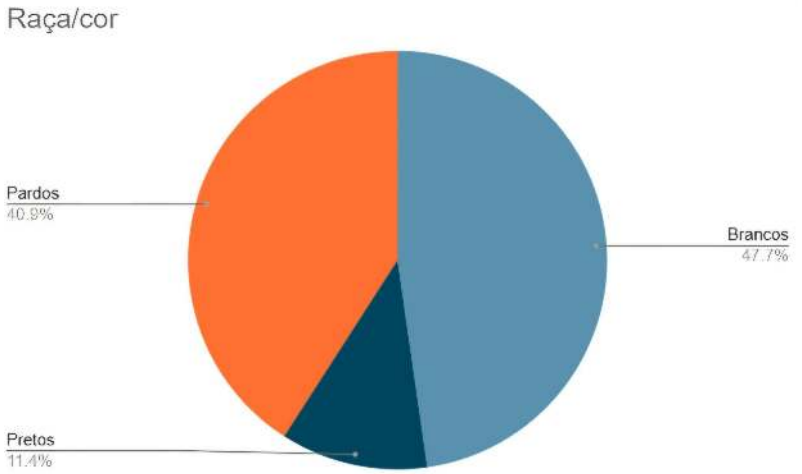
A pesquisa foi realizada com a turma IV do Instituto Educar, que iniciou a graduação no ano de 2022 e, no momento da pesquisa, cursava o quinto semestre do curso. A turma é composta por 44 estudantes, dos quais 70,45% são homens e 29,55% são mulheres. A faixa etária dos estudantes no momento do ingresso variava entre 18 e 32 anos. Em termos de raça/cor, 47,73% autodeclaram-se brancos, 40,91% pardos e 11,36% pretos. Os estudantes são provenientes de diversas regiões do Brasil, sendo 20,45% do Rio Grande do Sul, 25% do Paraná, 13,64% do Mato Grosso do Sul, 11,36% de Minas Gerais e 29,55% de outros estados. Em relação à escolarização prévia, 84,09% estudaram em escolas públicas, muitos deles em escolas localizadas nos assentamentos.

Gráfico 1 – Faixa etária de ingresso no Instituto Educar



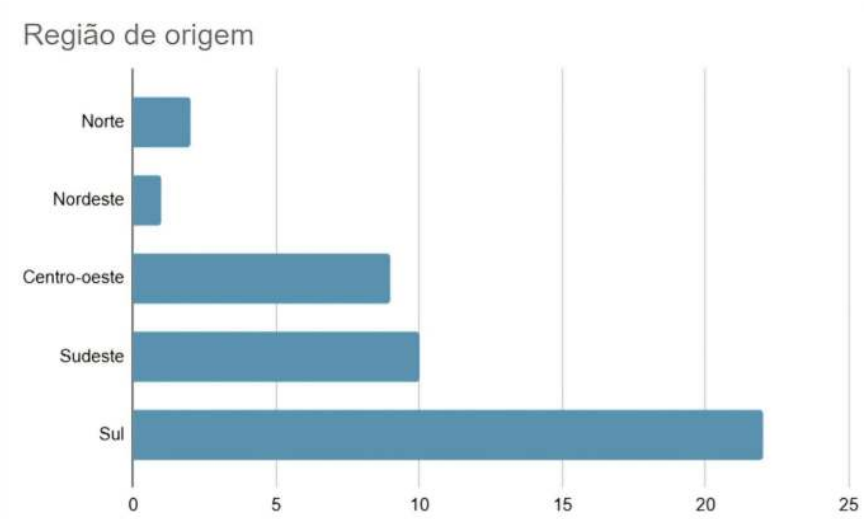
Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Gráfico 2 – Raça/cor dos estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Gráfico 3 – Região de origem dos estudantes



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

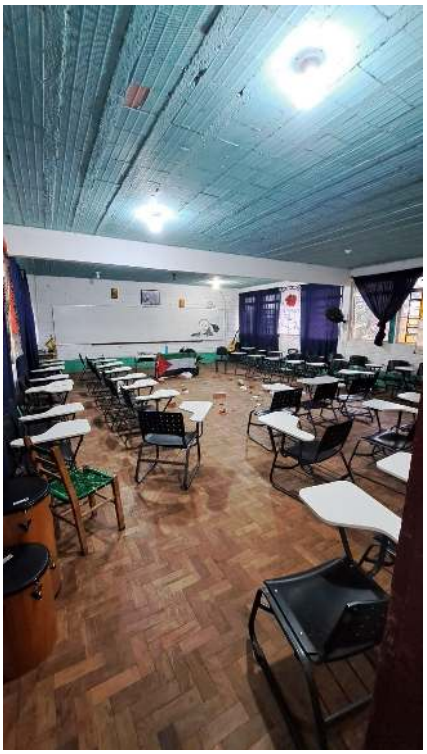
A observação participante ocorreu durante uma semana, no início do quinto semestre do tempo-escola, ou seja, quando os estudantes e a coordenação estavam se organizando para o início da etapa. A realização da observação foi previamente acordada com as lideranças locais e a coordenação da faculdade, e a data foi definida com base na disponibilidade da instituição. A estrutura da faculdade conta com uma ampla área destinada às atividades agrícolas e à criação de animais, além de um prédio que abriga um saguão, um refeitório, salas administrativas, banheiros coletivos feminino e masculino, dormitórios e uma sala de aula.

Figura 2 – Corredor dos dormitórios



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2024).

Figura 3 – Sala de aula



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2024).

Figura 4 – Entrada do prédio do Instituto Educar



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2024).

Os alunos são, no início de cada semestre, divididos em Núcleos de Base, havendo sempre rotatividade dos grupos e das tarefas de trabalho. Como pesquisadora, eu seria inserida em um desses Núcleos, de modo a acompanhar o cotidiano da instituição como uma das estudantes.

Os estudantes devem escolher, até o final da graduação, um nome para a turma, sempre em homenagem a uma pessoa já falecida, bem como um símbolo que a represente. Esses elementos devem ser concebidos levando em consideração a simbologia do Movimento, com inspiração em figuras históricas da luta pela terra. Tanto o nome quanto o símbolo constituirão elementos identificadores da turma até o término da graduação.

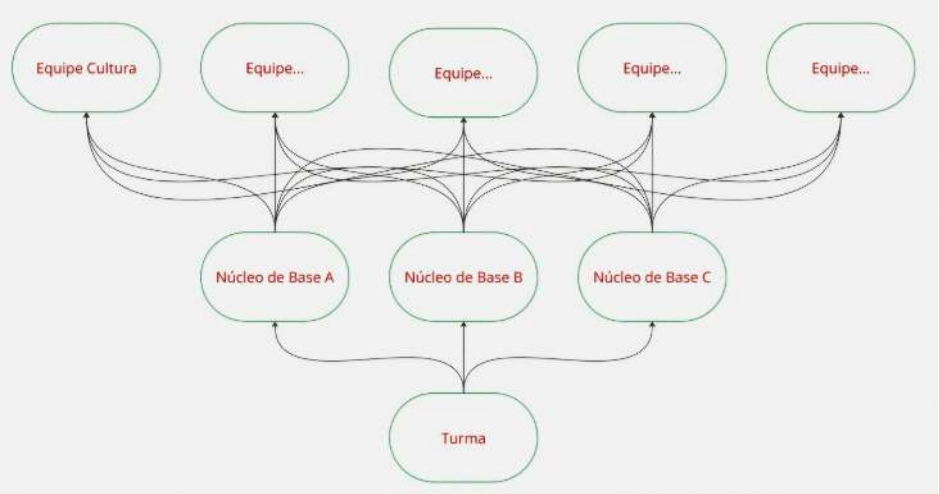
A rotina dos estudantes segue um padrão ao longo do semestre: as manhãs iniciam-se com a Mística, seguida pelas aulas; após um intervalo para o almoço, ocorre mais um período de aulas durante a tarde e duas horas de tempo-trabalho, encerrando-se o dia com o jantar, com exceção das reuniões de equipe, que ocorrem semanalmente após essa refeição. Cada Núcleo de Base é responsável pela Mística em um dia da semana. A atividade ocorre como um ritual, sempre na mesma ordem: inicia-se com uma música; em seguida, é compartilhado um poema relacionado à temática escolhida; entoa-se um grito de ordem, acompanhado por todos os colegas; canta-se outra música; e, por fim, o hino do MST. Nesse último momento, todos se levantam, posicionam-se de frente para a bandeira e cantam juntos.

No momento de minha chegada ao Instituto Educar, um dos estudantes ficou responsável por me receber e mostrar o quarto que eu ocuparia, o que revelou um pouco da dinâmica da faculdade, na qual os estudantes são responsáveis por diversas tarefas do cotidiano. A primeira atividade após minha chegada foi a cerimônia de abertura, previamente combinada com a turma. Antes do início da cerimônia, os estudantes organizaram-se em fila diante da

entrada do prédio. Thomas, um dos estudantes, iniciou uma música ao violão, e todos interromperam suas atividades para cantar junto. Em seguida, os estudantes entraram no saguão em fila e formaram um círculo. Cada um carregava um símbolo importante para o MST e para a luta pela terra, como bandeiras e ferramentas. Os objetos foram colocados no centro da roda e, em conjunto, os participantes seguraram bandeiras do Brasil, do MST, do PRONERA, da Palestina e de Paulo Freire. Após a música de abertura, alguns estudantes realizaram a leitura de um poema. A última frase foi repetida por todos em uníssono. Por fim, a cerimônia foi encerrada com o hino do MST. Tratava-se da primeira Mística do semestre, um momento cultural de reflexão e conexão entre os integrantes da turma.

No primeiro dia de aula, os estudantes organizaram-se na sala, e os líderes da turma, designados no semestre anterior, realizaram um discurso de boas-vindas. Os coordenadores também receberam a turma para o início da etapa e informaram como estava a produção agrícola e pecuária durante o período em que os estudantes estiveram ausentes. Ana, uma das coordenadoras, informou que a etapa que se iniciava seria bastante intensa, com muitas disciplinas, mas que a formação militante não seria deixada de lado. Ela enfatizou que, naquele ano, haveria eleições municipais e, portanto, era importante que os estudantes estivessem atentos às campanhas políticas. Além disso, atualizou a turma sobre as lutas do MST, informando que o Movimento havia conseguido retomar alguns lotes de assentamento que estavam sob posse de fazendeiros, fato que gerou comemoração entre os estudantes. Por fim, foi compartilhado com a turma o plano de organização do semestre, e os objetivos a serem alcançados foram lidos e debatidos entre os estudantes e a coordenação. Os Núcleos de Base já estavam previamente constituídos, sendo esse o momento em que eram apresentados à turma. A pesquisadora foi alocada no Núcleo de Base responsável pela horta.

Figura 5 – Organização da turma para o semestre



Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Os Núcleos de Base, no início do semestre, reúnem-se para escolher dois coordenadores, sempre respeitando a paridade de gênero. Além disso, cada Núcleo deve designar um membro para participar de cada uma das equipes. Maurício e eu ficamos responsáveis pela equipe de cultura. Por fim, o grupo deve escolher um nome em homenagem a alguma figura da luta pelos direitos humanos já falecida, bem como um grito de ordem, isto é, uma frase repetida pelo grupo que possua algum significado relacionado ao nome escolhido. O Núcleo de Base que integrei optou pelo nome Heleny Ferreira, professora que participou da luta armada contra a ditadura militar brasileira. O grito de ordem escolhido foi: "Heleny Ferreira, professora guerrilheira!". O nome e o grito escolhidos foram apresentados ao restante da turma, que repetiu o grito erguendo o punho. Passado esse primeiro momento, a turma foi dividida, permanecendo na sala apenas os coordenadores dos Núcleos de Base, que participaram da eleição dos dois líderes da turma. Esses líderes seriam responsáveis por encaminhar à coordenação as demandas dos estudantes, garantir o cumprimento das metas da etapa, intermediar as relações entre os colegas de modo a manter a coesão do grupo, registrar as reuniões e organizar seminários até o final do semestre.

Durante a observação participante, acompanhei a reunião da equipe de cultura, pela qual fiquei responsável juntamente com um colega do mesmo Núcleo de Base. Como se tratava da primeira reunião do semestre, foi realizada a eleição para a coordenação da equipe, e Thomas recebeu a totalidade dos votos. Ao final do ano ocorreria o Seminário Nacional[1], e o trabalho da equipe de cultura naquele semestre estaria fortemente vinculado à organização desse evento. Ao debaterem a primeira atividade a ser realizada no semestre, os integrantes da equipe optaram pela realização de um sarau literário para comemorar o início das aulas. Dessa forma, solicitariam aos colegas o compartilhamento de poesias autorais para a composição de um varal de poesias. Assim, aqueles que escreviam poderiam ler seus próprios poemas e aqueles que não escreviam poderiam escolher poemas dos colegas para compartilhar com a turma. As tarefas necessárias para a realização do sarau foram distribuídas entre os membros da equipe, e eu e outro estudante ficamos responsáveis pela ornamentação do espaço.

Dentre as atividades realizadas no início do semestre, há um momento dedicado à apresentação das experiências desenvolvidas por cada estudante durante o tempo-comunidade. Nessa ocasião, os estudantes relatam onde estiveram, como aplicaram os conhecimentos adquiridos nas aulas em suas produções e de quais atividades militantes participaram durante o período. A maioria dos estudantes participou de alguma atividade de militância, e essa participação é amplamente valorizada tanto pela turma quanto pela coordenação. Os estudantes envolveram-se em diferentes tipos de atividades, como reuniões do MST em suas regiões, seminários, trabalho em cooperativas,

visitas a escolas de assentamentos, ocupações, atividades de carnaval e a participação das estudantes da turma em grupos de mulheres camponesas.

Os estudantes do Instituto Educar costumam receber frequentemente visitantes interessados em conhecer a faculdade e a região do assentamento. Durante o período da observação participante, a instituição recebeu estudantes do curso de Psicologia da UFFS, e toda a turma se empenhou na preparação do refeitório para recebê-los no almoço. Embora um dos Núcleos de Base seja responsável pela organização da cozinha, naquele dia houve um esforço coletivo, e todos os estudantes colaboraram com a atividade. Após o almoço, a turma realizou uma apresentação sobre o Instituto Educar para os visitantes e entoou algumas músicas ligadas ao Movimento.

A Mística da qual participei durante minha estada no Instituto Educar teve como tema Neurice Torres, militante do MST vítima de feminicídio. Os estudantes combinaram a leitura de um poema que encontraram sobre Neurice e decidiram posicionar uma mulher no centro da sala para representá-la, além de ornamentar o ambiente com flores e elementos que simbolizavam sangue. Também escolheram uma música do Movimento que aborda o Massacre de Eldorado dos Carajás e decidiram repetir a frase: "tanto sangue derramado sem nenhuma explicação". Ao planejarem a execução da Mística, os estudantes definiram que entrariam manchados de sangue e que, enquanto o poema era lido, as mulheres seriam chamadas para compor a encenação, enquanto os homens seriam marcados com sangue, representado por tinta vermelha. A Mística seria finalizada com um pedido de justiça no júri popular do caso, marcado para abril daquele mesmo ano.

A música e a poesia são elementos muito presentes nessa turma, inclusive nos momentos de descontração. Nos intervalos, os estudantes costumam reunir-se para tocar violão, pandeiro e cajón, enquanto cantam músicas que, muitas vezes, estão relacionadas ao MST ou abordam temáticas sociais. Esses momentos são compartilhados pela maior parte da turma e, frequentemente, formam um ambiente de forte integração coletiva, no qual os estudantes se reúnem para cantar e dançar. Além disso, muitos estudantes escrevem poemas, alguns dos quais foram lidos na cerimônia de abertura. Esses textos também abordam, em sua maioria, temáticas sociais vinculadas ao Movimento. Até mesmo os gritos de ordem - já conhecidos pelos estudantes, uma vez que são repetidos nas Místicas e em outras atividades do MST - aparecem em momentos de descontração. Durante a observação participante, por exemplo, em uma ocasião em que os estudantes tocavam samba, todos repetiram em conjunto a frase: "o samba é a luta e a luta é o samba".

O Sarau Literário, evento realizado durante o período de observação participante, foi uma das ocasiões que reuniu a turma em torno da música e da poesia. O evento foi organizado de modo que os estudantes se sentissem à vontade para se apresentar diante da turma e compartilhar poemas autorais ou textos de sua escolha. Entre uma leitura e outra, Thomas tocava músicas do

Movimento ao violão. Os estudantes demonstravam sentir-se confortáveis para compartilhar suas produções com os colegas, que, em sua maioria, as ouviam atentamente. As temáticas abordadas nos poemas incluíam a Reforma Agrária e a luta pela terra, a vivência no campo e as experiências das mulheres. Os textos também tratavam de temas relevantes para o Movimento, como desigualdade social, agroecologia, socialismo e identidade Sem Terra.

Durante a observação participante, tive a oportunidade de conhecer melhor os estudantes e a dinâmica da turma. Os estudantes demonstraram curiosidade em relação à pesquisa desenvolvida e buscaram compreender seus objetivos e hipóteses. Em uma ocasião, após a apresentação mais detalhada da pesquisa a um grupo de estudantes, um deles, Lorenzo, afirmou: "já tenho a resposta para a tua pesquisa, o Instituto faz, sim, engajar", relatando que, antes de ingressar no Instituto Educar, não era muito próximo do MST e que a experiência na faculdade contribuiu para sua aproximação com o Movimento. Leandro, por sua vez, levantou a hipótese de que faltam oportunidades para o engajamento dos jovens, o que acabaria contribuindo, muitas vezes, para o êxodo rural.

Foi possível observar, durante a estada no Instituto Educar, que um dos estudantes parecia manter-se mais afastado da turma. Em algumas refeições, era o único que se sentava sozinho em uma mesa mais distante das demais, utilizando fones de ouvido. Durante as Místicas, aparentava não estar tão envolvido quanto os colegas e não participava dos momentos de descontração em que os estudantes se reuniam para tocar música, escrever poemas ou compartilhar suas produções. Apesar disso, sempre cantava o hino do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ao final das Místicas e, na ocasião do Sarau Literário, esteve presente e acompanhou os colegas nas músicas do Movimento, ainda que de forma mais reservada.

Três estudantes foram convidados a participar de entrevistas, com base nas observações realizadas durante a pesquisa. Foram selecionados dois estudantes que demonstraram elevado grau de engajamento ao longo da observação e o estudante que aparentava manter-se mais afastado da turma. Além disso, os três participantes selecionados apresentam perfis distintos em termos de trajetória, especialmente no que se refere às experiências prévias de engajamento e à identificação com o MST. Neste artigo, eles são apresentados por meio de nomes fictícios, a fim de preservar seu anonimato.

Rodrigo foi convidado para a entrevista por apresentar uma trajetória distinta da maioria dos colegas, uma vez que é oriundo do meio urbano e não teve contato com o MST até a vida adulta. Ele tem 34 anos, é um homem negro e nasceu na cidade de Canoas, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Rodrigo viveu toda a sua juventude nessa cidade, estudando em escolas públicas próximas à sua residência. Sempre demonstrou afinidade com as questões ambientais, o que atribui, em grande medida, à influência de um professor de Geografia do Ensino Médio. A música também

desempenhou um papel fundamental em sua trajetória, especialmente o reggae. Segundo Rodrigo, esse gênero musical contribuiu para fortalecer sua conexão com o meio ambiente, uma vez que suas letras abordam a relação entre os seres humanos e a natureza, além da dimensão espiritual dessa relação. A relação com os pais é descrita por Rodrigo como conflituosa, pois, muitas vezes, eles não compartilhavam de seus ideais.

Rodrigo relata que, durante grande parte de sua vida, não se reconhecia como negro. Foi apenas na adolescência que passou a se identificar dessa forma e a refletir mais profundamente sobre as questões raciais. Em determinado momento de sua trajetória, participou de uma brigada do MST na Venezuela, onde trabalhou com a produção de sementes orgânicas. Segundo seu relato, naquele contexto era frequentemente percebido como branco pelos companheiros, cuja tonalidade de pele era mais retinta. Ao descrever sua identidade, afirma: "eu me entendo como uma pessoa de raiz africana, mas também me entendo como uma pessoa de raiz ligada aos povos originários da América e eu me vejo como um cidadão do planeta".

Após concluir o Ensino Médio, Rodrigo decidiu viver na Aldeia da Paz, uma comunidade rural cujos integrantes buscavam manter uma relação mais próxima com a natureza. Essa experiência lhe possibilitou um contato mais intenso com um modo de vida comunitário. Ainda assim, tratava-se de um grupo que se definia como "apolítico", característica que o incomodava. Além disso, a vivência na Aldeia da Paz impactou sua espiritualidade. Embora tivesse frequentado a Igreja Católica durante grande parte da vida, com o tempo passou a questionar alguns aspectos da religião. Segundo seu relato, essa experiência lhe permitiu conectar-se a outra forma de espiritualidade, que reúne elementos de diferentes tradições religiosas e que ele define como unidiversalidade.

Rodrigo relata que deixou a Aldeia da Paz com o objetivo de estudar agroecologia. Nesse período, retornou à sua cidade de origem e retomou o contato com antigos amigos, grupo que descreve como marcado por práticas de *bullying* e por comportamentos machistas entre os rapazes. Ao refletir sobre essa experiência, critica tais características e reconhece que, em razão da convivência com esse grupo, também reproduzia esses comportamentos.

Rodrigo tentou ingressar em um curso técnico em Agroecologia, realizado no município de Candiota. Tratava-se de um curso promovido pelo MST e destinado à população da Reforma Agrária, informação que ele desconhecia até o momento da matrícula. Ao descobrir esse pré-requisito, procurou argumentar em favor de sua participação. Após conversar com uma liderança local do MST, que autorizou seu ingresso, conseguiu efetivar a matrícula. O curso seguia a metodologia educacional do MST e, por isso, apresentava uma organização muito semelhante à do Instituto Educar. Esse foi o primeiro contato de Rodrigo com o Movimento. Em seu relato, afirma que estranhou inicialmente a simbologia presente no curso e que, nos primeiros

momentos, sentiu-se deslocado, uma vez que seus colegas compartilhavam trajetórias de vida e experiências que não faziam parte de sua história. Ao mesmo tempo, relata que se sentia privilegiado por poder compartilhar aquele espaço com aquelas pessoas. Rodrigo atribui a essa experiência formativa em Agroecologia o início de seu engajamento com o MST.

Após o curso técnico, Rodrigo manteve-se próximo ao Movimento, trabalhou em uma cooperativa e participou de uma brigada na Venezuela, onde atuou com sementes agroecológicas. Tinha o desejo de cursar uma graduação em Agronomia, mas entendia que os cursos oferecidos pela maioria das instituições de ensino superior formavam profissionais voltados para o agronegócio. Foi então que conheceu o Instituto Educar e decidiu retomar os estudos. Já no Instituto Educar, relatou que, embora a metodologia fosse muito semelhante à do curso técnico, as duas experiências foram bastante distintas. Considera que, no Educar, a coletividade da turma e a troca com a coordenação são muito mais intensas. Reconhece a existência de desafios relacionados à convivência constante, mas avalia que a turma é bastante unida. Destaca, ainda, que o sentimento de pertencimento a essa coletividade é fundamental para a construção de sua identidade militante.

A outra estudante convidada a participar da entrevista foi Catarina, uma mulher branca de 20 anos, natural de Fraiburgo, em Santa Catarina. Catarina foi selecionada para a entrevista em razão de seu elevado nível de engajamento tanto com o Movimento quanto com a turma. Ela nasceu em um acampamento do MST que, quando ainda era bebê, foi transformado em assentamento. Trata-se de uma trajetória de luta pela terra mais recente do que a de muitos de seus colegas, cujas famílias, em diversos casos, conquistaram suas terras ainda na geração dos avós. Seus pais são católicos, mas Catarina relata não seguir uma religião específica, embora mantenha sua fé. Em relação à política partidária, afirma que sua família possui forte identificação com o Partido dos Trabalhadores (PT), posicionamento com o qual concorda. Segundo seu relato, acredita que os representantes políticos devem defender os interesses da classe trabalhadora. Durante o último tempo-comunidade, passou um período em um assentamento vinculado ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), experiência com a qual se identificou. Em sua avaliação, essa identificação está relacionada ao fato de que, tradicionalmente, as mulheres camponesas são responsabilizadas pelas tarefas domésticas, enquanto as atividades agrícolas tendem a ser associadas aos homens.

Catarina relata que se sentiu muito acolhida no Instituto Educar desde seu ingresso no curso e afirma ter se sentido "em casa", por se tratar de um espaço vinculado ao Movimento. Apesar disso, destaca como aspecto negativo a intensa rotina vivenciada pelos estudantes no Instituto, que, por vezes, gera conflitos. A Mística é apontada por Catarina como um momento de grande importância, associado aos sentimentos e às novas vivências. No entanto, por ocorrer diariamente, admite que essa atividade pode se tornar cansativa. Ainda

assim, considera que esses momentos de reflexão são fundamentais para a turma. A música também ocupa um papel central na dinâmica coletiva do grupo. Segundo Catarina, ela faz parte da essência da turma e da forma como os estudantes compreendem o espaço do Instituto Educar. Além disso, relata manter uma relação muito próxima com a coordenação. Em sua percepção, mesmo quando surgem problemas e desentendimentos, são as coordenadoras que desempenham o papel de cuidado dentro da estrutura da instituição. Em relação ao machismo e às questões de gênero no Instituto Educar, avalia que ainda há muitos aspectos a serem trabalhados e que existem avanços importantes a serem alcançados. Contudo, segundo sua percepção, também falta maior união entre as mulheres.

Após concluir a graduação, Catarina pretende contribuir para a reaproximação de agricultores de seu assentamento que, ao longo do tempo, acabaram se afastando do MST. Em sua percepção, a comunidade, a família e o Movimento não constituem esferas separadas, mas dimensões que se constroem mutuamente. Por fim, atribui ao Instituto Educar influência significativa em diversas escolhas relacionadas à sua trajetória e destaca sua satisfação em participar dos espaços organizados pelo Movimento.

O último estudante convidado para a entrevista foi Leonardo, que, durante a observação participante, mostrou-se mais afastado do restante dos estudantes do Instituto Educar. Leonardo é um homem branco de 20 anos que vive em um assentamento no Rio Grande do Sul. Iniciou sua trajetória escolar em uma escola vinculada ao MST, mas posteriormente passou a estudar em uma escola estadual. Apesar dessas experiências, Leonardo relata que o assentamento onde cresceu já se encontrava relativamente distante dos ideais do Movimento. Por essa razão, considera que seu contato efetivo com o MST ocorreu apenas após o ingresso no Instituto Educar. Segundo seu relato, no assentamento predominava uma lógica mais individualista, em que cada família buscava prioritariamente seu próprio benefício econômico. Seu pai já manteve uma relação mais próxima com o Movimento, mas atualmente a família encontra-se bastante afastada. De acordo com Leonardo, os moradores de sua comunidade priorizam a obtenção de lucro e, para isso, muitas vezes "ultrapassam a lógica do Movimento". No entanto, admite que somente passou a compreender o significado daquilo que denomina como "lógica do Movimento" após ingressar no Instituto Educar.

Leonardo aprecia a vida no campo e se identifica como agricultor. Sua família é católica, e ele frequentou a Igreja durante a infância e o início da adolescência. Segundo seu relato, a instituição religiosa frequentada por sua família possui uma orientação bastante conservadora. Por essa razão, passou a questionar alguns dos valores defendidos pela Igreja, o que o levou a interromper sua participação nas atividades religiosas. Posteriormente, frequentou algumas vezes uma igreja evangélica para acompanhar uma

namorada que tinha na época. No entanto, não chegou a aderir a essa religião. Atualmente, considera-se uma pessoa sem religião.

Leonardo relata que teve pouca participação nas atividades do Movimento antes de ingressar no Instituto Educar, com exceção do período em que era criança e estudava na escola do assentamento, quando participou ocasionalmente de algumas atividades vinculadas ao MST. Nesse contexto, a decisão de ingressar em uma instituição de ensino ligada ao Movimento foi marcada por conflitos e hesitações. Apesar disso, sua visão de mundo já se diferenciava daquela predominante em seu assentamento, uma vez que defendia práticas agrícolas mais ecológicas e comprometidas com a preservação do meio ambiente.

O primeiro contato de Leonardo com o Instituto Educar constituiu uma experiência completamente nova. Como possuía pouca proximidade com o Movimento, praticamente todos os aspectos da vivência institucional lhe eram desconhecidos. As Místicas também representaram uma novidade, que ele descreve como uma experiência diferente, embora por vezes cansativa. Leonardo compreende a faculdade como um espaço baseado no trabalho coletivo, de modo que, quando um estudante deixa de cumprir suas responsabilidades, os demais acabam sendo prejudicados. Em razão de sua trajetória bastante distinta da de seus colegas, buscou isolar-se durante os primeiros períodos no Instituto, por não se sentir parte da turma.

Embora atualmente se sinta pertencente ao grupo, Leonardo afirma que aprecia momentos de solitude e, por esse motivo, acaba se afastando dos colegas em algumas ocasiões. Além disso, a carga horária do Instituto Educar é bastante intensa e, no pouco tempo livre de que dispõe, dedica-se à administração de seu lote e dos lotes de sua família. Dessa forma, resta-lhe pouco tempo para participar dos momentos coletivos de lazer com os colegas. Em relação à Mística, relata que aprecia o processo de elaboração da atividade e as discussões sobre as temáticas abordadas, mas não gosta da etapa de execução. Da mesma forma, não estabelece com a música o mesmo tipo de conexão observado entre os demais estudantes e, por isso, raramente participa desses momentos em seu tempo livre.

Leonardo também relata enfrentar novos conflitos no ambiente familiar, uma vez que já não compartilha da mesma visão de mundo de seus familiares. Apesar disso, considera que os conhecimentos técnicos adquiridos no curso de Agronomia são úteis para sua realidade, já que passa grande parte do tempo-comunidade trabalhando no lote da família. Ainda assim, continua participando de atividades promovidas pelo MST, como o apoio a outros assentamentos e a participação em acampamentos. Segundo seu relato, antes da experiência no Instituto Educar, não atribuía sentido à militância, pois entendia que não obteria nenhum retorno em troca. Atualmente, acredita ser possível contribuir com determinadas causas sem receber benefícios materiais, embora reconheça a existência de outras formas de retribuição. No

futuro, Leonardo pretende permanecer na militância do MST e gostaria de atuar em processos de formação voltados para jovens. Demonstra preocupação com o combate ao êxodo rural, o incentivo à agroecologia e a promoção da formação política da juventude vinculada ao Movimento. Em sua avaliação, muitos jovens, assim como ele próprio, não vivenciaram a experiência dos acampamentos e possuem pouco conhecimento sobre a trajetória de luta pela terra de suas famílias.

Discussão

Durante a observação participante e as entrevistas, foi possível perceber que a rotina de atividades coletivas desenvolvidas no Instituto Educar propicia oportunidades de interação constantes e intensas entre os estudantes e os trabalhadores da instituição. Por meio dessas interações, tendem a operar os mecanismos de socialização militante, conexão estrutural e alinhamento identitário, conforme será demonstrado nos parágrafos seguintes.

Um aspecto que se destacou durante a observação foi a centralidade da arte, especialmente da música e da poesia, como elemento estruturante das interações observadas. Os estudantes ensinam uns aos outros a tocar instrumentos musicais e encontram na música uma importante forma de lazer. Dessa maneira, a prática musical contribui para a construção de uma identificação coletiva entre os estudantes, fortalecendo vínculos afetivos e consolidando a coletividade da turma. Além disso, mesmo nos momentos de descontração, as canções executadas frequentemente estão relacionadas ao MST ou abordam temáticas sociais, o que evidencia uma forte identificação com o Movimento e um alinhamento dos quadros interpretativos da turma com suas causas e valores.

O afeto e a coletividade da turma, construídos no interior do Instituto Educar, também podem ser percebidos em outros momentos, como no dia em que os estudantes receberam a visita de alunos de Psicologia e se mobilizaram coletivamente para preparar o refeitório. Observa-se a existência de um forte sentimento de responsabilidade coletiva entre os estudantes, produzido e/ou fortalecido pela forma como as atividades cotidianas são desenvolvidas no Instituto Educar. Nesse sentido, a rotina é organizada de modo a valorizar o trabalho coletivo, o protagonismo estudantil na construção de atividades de formação política e a participação conjunta tanto nas atividades do campo quanto na organização interna dos espaços da instituição, propiciando uma convivência intensa entre os estudantes. Dessa forma, estabelece-se uma relação de interdependência entre os integrantes da turma, o que contribui para o fortalecimento da unidade do grupo. Além disso, observa-se um esforço da coordenação para mobilizar os estudantes mais afastados, por meio de convites para participação em encontros e eventos, bem como da realização de

avaliações periódicas do engajamento estudantil, posteriormente encaminhadas à instância regional. Em outras palavras, o Instituto Educar adota uma metodologia explicitamente comprometida com a formação de militantes, na qual disposições e recursos necessários ao engajamento são construídos ou reforçados por meio de sua estrutura pedagógica e organizacional.

Os vínculos afetivos construídos a partir da interação cotidiana e intensiva no Instituto Educar não se restringem às relações entre os estudantes, mas também envolvem a coordenação e os demais trabalhadores da instituição. Em razão do regime de internato e da convivência contínua entre estudantes e trabalhadores, observa-se uma tendência à formação de laços afetivos duradouros. Muitos estudantes compartilham experiências prévias semelhantes, tendo crescido em assentamentos e acampamentos vinculados a movimentos sociais do campo. Dessa forma, chegam ao Instituto já portando, em alguma medida, elementos de uma socialização militante anterior. Assim, embora o Instituto Educar receba estudantes oriundos de diferentes estados brasileiros, eles compartilham referências identitárias associadas à condição de Sem Terra, estabelecendo conexões com seus colegas e com a equipe da instituição. Tais elementos contribuem para o fortalecimento dos vínculos coletivos e para a consolidação de uma identidade compartilhada.

Além da construção de vínculos de afeto e confiança, que conformam a conexão estrutural dos estudantes com o grupo e, por meio dele, com o Movimento, foram observadas diversas atividades nas quais operavam mecanismos de socialização militante. Nessas atividades, destacava-se a presença de símbolos, discursos e comportamentos cuja incorporação constitui um elemento central para a construção do alinhamento identitário entre os indivíduos e destes com o Movimento.

Um dos meios pelos quais o Instituto Educar mobiliza símbolos e figuras associados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para promover a identificação entre os estudantes é a escolha de uma figura histórica que dará nome a cada um dos Núcleos de Base nos quais a turma é dividida. Essas figuras, que devem possuir vinculação com as lutas sociais e políticas defendidas pelo Movimento, operam como referências de identificação coletiva tanto entre os integrantes de cada Núcleo quanto entre estes e o MST e suas causas. No mesmo sentido, pode-se destacar o processo de elaboração dos gritos de ordem que passam a ser utilizados de forma recorrente nas atividades do Instituto. Esses gritos também se constituem como referências de identificação coletiva e são repetidos pelos estudantes inclusive em momentos de descontração. Tal prática possui uma importante dimensão grupal, uma vez que os estudantes pronunciam os gritos e realizam os gestos de forma sincronizada - o grito é sempre acompanhado por um punho erguido -, contribuindo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e da unidade do grupo.

A Mística é outra atividade que desempenha papel fundamental no processo de socialização militante dos estudantes. Como descrito anteriormente, ela ocorre diariamente, e cada Núcleo de Base é responsável por sua condução em um dia da semana. Dessa forma, semanalmente os estudantes precisam refletir sobre temáticas sociais relevantes para o MST e elaborar formas de representação cultural dessas questões para apresentar aos colegas, incluindo cenários, símbolos e músicas vinculadas ao Movimento. A Mística funciona tanto como um momento de reflexão sobre a luta social quanto como um espaço de fortalecimento dos vínculos entre os estudantes. Além disso, apresenta características ritualizadas que remetem à lógica de práticas religiosas, das quais historicamente herdou alguns elementos. Sua realização segue uma sequência relativamente estável de ações, amplamente conhecida pelos participantes, que a acompanham de forma recorrente e sistemática. Os estudantes relataram que, à medida que o semestre avança, a tarefa de organizar a Mística tende a tornar-se cansativa em razão de sua repetição constante. Apesar disso, a atividade integra-se à rotina cotidiana da turma, que, em geral, não demonstra dificuldades em elaborar propostas para sua realização. Tal facilidade sugere que os estudantes já incorporaram símbolos, discursos e quadros interpretativos associados ao Movimento, mobilizando-os com naturalidade na construção das atividades.

Os referenciais identitários construídos e/ou mobilizados nas atividades cotidianas do Instituto Educar fornecem elementos importantes para o processo de alinhamento identitário, no qual a identificação como Sem Terra ocupa posição central. Essa categoria constitui um importante referente identitário, mobilizado em diversos momentos da vida institucional, seja nas falas dos estudantes, seja nas músicas e poemas compartilhados coletivamente. A identidade Sem Terra integra uma concepção específica de identidade camponesa vinculada ao MST, associada à conquista da terra por meio da luta social e da ação coletiva. Dessa forma, a identificação como Sem Terra está necessariamente relacionada a uma dimensão coletiva, uma vez que pressupõe o pertencimento a uma ampla rede organizativa que constitui o Movimento.

A força dessa identificação coletiva destacou-se durante o trabalho de campo, como no caso de uma estudante aqui denominada Lorena. Ao longo da pesquisa, foi possível observar um forte alinhamento entre sua identidade pessoal e a identidade coletiva associada ao Movimento. Tal alinhamento manifestava-se por meio de uma relativa indistinção entre a estudante e o próprio Movimento, de modo que o pertencimento ao MST aparecia como elemento constitutivo de sua autodefinição. Contudo, mesmo estudantes que, à primeira vista, pareciam mais afastados da coletividade, como Leonardo, permaneciam envolvidos em diversas práticas coletivas, cantando músicas do MST, acompanhando os gritos de ordem e entoando o hino do Movimento. Esses elementos sugerem que, ainda que em diferentes intensidades, os referenciais identitários mobilizados pelo Instituto Educar também estavam

presentes entre estudantes que demonstravam menor participação nas atividades coletivas.

Há também casos como o de Rodrigo, que não cresceu em assentamentos ou acampamentos, como ocorreu com a maior parte da turma, e não possuía histórico de engajamento em movimentos sociais. Sua trajetória passou por uma mudança significativa a partir do ingresso em um curso técnico de Agroecologia, cuja proposta pedagógica compartilha princípios semelhantes aos do Instituto Educar. Quando decidiu ingressar no ensino superior, Rodrigo optou por não cursar uma graduação convencional em Agronomia, pois entendia que a maioria dessas instituições formava profissionais voltados para o agronegócio, perspectiva que não correspondia às concepções construídas ao longo de sua formação técnica. Em razão disso, escolheu ingressar no Instituto Educar. Na instituição, Rodrigo relata ter encontrado um forte sentimento de pertencimento, percebendo-se como parte de um coletivo. Em seu relato, evidencia-se a construção de uma distinção entre um "nós" e um "eles", característica frequentemente associada aos processos de formação identitária coletiva. De um lado, estaria o grupo que luta pela agroecologia e pela reforma agrária; de outro, aqueles percebidos como adversários dessas causas. Tal percepção reforça a construção de uma identidade coletiva compartilhada e contribui para o alinhamento entre a identidade individual e os referenciais interpretativos mobilizados pelo Movimento.

A trajetória de Rodrigo, que tende a constituir uma exceção no contexto do Instituto Educar, permite compreender como a inserção em processos educativos vinculados ao Movimento contribui para a produção das condições necessárias ao engajamento militante. O curso técnico possibilitou a construção de vínculos com pessoas ligadas ao Movimento e promoveu processos de socialização militante que foram posteriormente reforçados e consolidados no Instituto Educar. Como resultado, observa-se uma reconfiguração significativa de sua identidade pessoal. Essa transformação repercutiu também em vínculos previamente estabelecidos, como suas relações com amigos da cidade de origem. Rodrigo passou a reconhecer e criticar práticas que anteriormente naturalizava, como o *bullying*. Além disso, desenvolveu uma postura mais crítica em relação ao machismo, passando a refletir sobre as problemáticas envolvidas na construção social das identidades de gênero. Nesse sentido, sua compreensão de si mesmo como homem passou a incorporar questionamentos e reflexões que não estavam presentes anteriormente. Portanto, a experiência de Rodrigo em espaços educativos vinculados ao Movimento, como o curso técnico e o Instituto Educar, desempenhou um papel central na construção de sua identidade coletiva. Atualmente, ele se percebe como pertencente ao MST de forma mais ampla, vínculo que não se restringe ao curso técnico ou à faculdade. Além disso, identifica-se como Sem Terra, categoria que ocupa posição de grande

relevância em sua estrutura identitária e em sua forma de compreender a si mesmo e sua inserção social.

Catarina apresentou uma trajetória distinta, marcada por uma forte vinculação familiar ao Movimento desde a infância. Ela também relata a proximidade de sua família com o Partido dos Trabalhadores (PT), justificando essa identificação pelo entendimento de que se trata de um partido comprometido com a defesa da classe trabalhadora, categoria social com a qual se identifica. Embora Catarina não siga atualmente uma religião específica, seus pais são católicos, e essa referência religiosa aparece em sua narrativa em contraste com os grupos evangélicos. Outro elemento central em sua trajetória é a identidade de mulher camponesa. Sua participação em atividades do Movimento de Mulheres Camponesas evidencia a relevância dessa dimensão identitária em sua compreensão de si mesma e de seu lugar no mundo social. A luta pela terra também constitui um componente importante de sua identidade pessoal. Catarina relata com orgulho a trajetória de sua família nos acampamentos do MST, incorporando essa história à sua própria narrativa biográfica. Além disso, a identidade camponesa emerge como um dos principais referenciais identitários mobilizados em seu discurso, frequentemente construída em contraste com aqueles que vivem no meio urbano. Esse referencial aparece em diversos momentos de sua trajetória, como quando diferencia sua experiência escolar em instituições do campo da trajetória de seu irmão, que estudou em uma escola urbana. Nesse sentido, outro referente de grande saliência identitária para Catarina é a condição de Sem Terra. Durante a entrevista, destacou sua participação contínua nos encontros dos "Sem Terrinha", denominação utilizada pelo MST para se referir às crianças vinculadas ao Movimento. Tais experiências contribuíram para fortalecer sua identificação com o MST e para consolidar o alinhamento entre sua identidade pessoal e a identidade coletiva associada ao Movimento.

Em virtude dessa forte identificação prévia com o Movimento, Catarina relata que se sentiu "em casa" no Instituto Educar desde os primeiros momentos, mesmo estando em um ambiente desconhecido e localizado em outro estado. Os símbolos, valores e práticas presentes no cotidiano da instituição já faziam parte de seu repertório de experiências, favorecendo sua integração ao espaço e à coletividade da turma. Nesse contexto, destaca-se a Mística, que, segundo Catarina, está diretamente relacionada ao fortalecimento do sentimento de pertencimento à turma e à identificação com os referenciais simbólicos e identitários do Movimento. Dessa forma, a atividade atua não apenas como um espaço de reflexão coletiva, mas também como um mecanismo de reforço do alinhamento entre sua identidade pessoal e a identidade coletiva associada ao MST.

Leonardo parece ter sido, entre os entrevistados, aquele para quem os processos de socialização militante, conexão estrutural e alinhamento identitário se apresentaram de forma mais tensionada. No entanto, é

importante destacar que, antes mesmo de ingressar no Instituto Educar, a identidade camponesa já ocupava uma posição de grande relevância em sua trajetória. Esse referencial identitário aparece de maneira recorrente em seu discurso, frequentemente construído em contraste com o universo urbano. Além disso, ao longo da formação em Agronomia, a identidade de agricultor adquiriu ainda maior centralidade em sua autopercepção. Dessa forma, embora sua aproximação com o MST tenha ocorrido de maneira distinta da observada em outros estudantes, Leonardo já possuía referenciais identitários que favoreciam a construção de afinidades com valores e pautas presentes no Movimento.

A decisão de Leonardo de ingressar no Instituto Educar foi marcada por dúvidas e tensões, uma vez que sua trajetória de vida não era caracterizada por um alinhamento identitário com o Movimento e, consequentemente, não havia sido acompanhada por processos prévios de socialização militante. Em um primeiro momento, a simbologia, os discursos e os quadros interpretativos presentes no Instituto Educar eram novidade para ele, que não compartilhava plenamente da identidade coletiva mobilizada naquele espaço nem se sentia pertencente àquela coletividade. Apesar disso, a experiência vivenciada no Instituto Educar produziu mudanças significativas em seus referenciais identitários, levando-o a reavaliar valores, práticas e formas de compreender a realidade social. Segundo seu relato, passou a enxergar determinadas questões sob novas perspectivas e, gradualmente, desenvolveu uma identificação mais forte com seus colegas e, por meio deles, com o próprio Movimento. Atualmente, afirma sentir-se pertencente à coletividade da turma. Nesse sentido, suas vivências no Instituto Educar possibilitaram uma releitura crítica de sua própria trajetória e de seu assentamento de origem, permitindo-lhe reconhecer tensões, contradições e dinâmicas que anteriormente passavam despercebidas. Tais elementos sugerem que, mesmo diante de um ponto de partida marcado por menor proximidade com o MST, a experiência educativa contribuiu para a construção de novos vínculos, identificações e formas de pertencimento.

Leonardo relatou, contudo, que não estabelece com a música e a poesia o mesmo tipo de conexão observada entre seus colegas. Para ele, os sentimentos de afeto e pertencimento coletivo mobilizados por essas expressões culturais não produzem os mesmos efeitos subjetivos e, por essa razão, não costuma participar desses momentos de convivência com a mesma frequência que os demais colegas. Apesar disso, destaca-se que as transformações decorrentes de sua experiência no Instituto Educar produziram repercussões significativas em outros aspectos de sua trajetória. Entre elas, estão os conflitos que passou a vivenciar no ambiente familiar, uma vez que já não compartilha integralmente da visão de mundo de seus pais e da comunidade em que cresceu. Esse elemento sugere que os processos de socialização e identificação vivenciados no Instituto produziram mudanças que

extrapolam o espaço educativo, repercutindo também em suas relações pessoais e familiares.

Considerações finais

Desde sua criação, o Instituto Educar foi concebido com o propósito de formar militantes, objetivo explicitado em seu Plano Pedagógico de Curso (2019), que destaca a formação de profissionais comprometidos com a agroecologia e a justiça social. Nesse contexto, os estudantes são expostos a símbolos, discursos e práticas que favorecem a construção de disposições voltadas ao engajamento militante. A organização da rotina acadêmica baseia-se nos princípios da Pedagogia da Alternância, respeitando as especificidades da vida no campo, uma vez que a maior parte dos estudantes é oriunda de acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária. Trata-se de um curso construído em resposta às demandas históricas por educação no campo e às novas demandas da juventude rural. Mesmo durante o tempo-comunidade, os estudantes são incentivados a participar de atividades de militância e a compartilhar, em seus territórios de origem, os conhecimentos relacionados à agricultura agroecológica adquiridos durante a formação. Nesse contexto, a atividade militante tende a produzir importantes retribuições simbólicas, uma vez que é reconhecida e valorizada pelos colegas e pela coordenação. Durante o tempo-escola, os estudantes vivenciam uma rotina intensa e relativamente rígida, que envolve a manutenção coletiva dos espaços comuns, o trabalho agroecológico, as atividades acadêmicas e os momentos culturais. Essa dinâmica tende a favorecer a construção de vínculos de proximidade e afeto entre os estudantes, aspecto fundamental para a formação e a manutenção de uma identidade coletiva. O trabalho também desempenha um papel central na dinâmica do Instituto Educar, pois, além de possibilitar a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos, contribui para a construção de relações de interdependência entre os estudantes, fortalecendo a coletividade. Esse sentimento de responsabilidade para com os colegas extrapola o âmbito das atividades laborais e se estende a diferentes dimensões da convivência cotidiana no Instituto.

A pesquisa contribuiu para compreender a influência do Instituto Educar na construção e/ou no fortalecimento de condições e disposições favoráveis ao engajamento militante entre os estudantes. Conforme destacado ao longo da análise, é importante considerar que se trata de um público com características bastante específicas, cuja trajetória, em grande parte dos casos, já envolve experiências prévias de socialização relacionadas ao engajamento militante. Por meio do Instituto Educar, o MST mobiliza elementos presentes nas trajetórias dos estudantes, frequentemente já marcadas por proximidade com o Movimento, buscando fortalecer determinados referenciais identitários

e ampliar sua relevância na constituição das identidades individuais. Esse processo favorece a consolidação de identificações coletivas e tende a estimular formas mais intensas de engajamento militante. Assim, a experiência educativa promovida pelo Instituto Educar atua tanto no reforço de disposições previamente existentes quanto na ampliação dos vínculos e identificações que sustentam o pertencimento ao MST.

Assim, o Instituto Educar cria um ambiente que favorece a construção de uma identidade coletiva, de relações afetivas e de retribuições que constroem ou acionam disposições ao engajamento. Mesmo entre os entrevistados que já eram engajados, como Rodrigo e Catarina, é evidente que a convivência com os colegas e os momentos de reflexão dentro do Instituto Educar permitiram que esse engajamento se fortalecesse. Leonardo foi o estudante que, apesar de parecer mais afastado durante a observação participante, dentre os entrevistados, parece ter sido o que mais se engajou com o MST devido às vivências na faculdade. Ocorreu, em seu caso, uma transformação de seus referenciais identitários, de forma que hoje se sente parte do Movimento e pretende seguir engajado, oferecendo formação política para outros jovens. Ou seja, esse alinhamento identitário foi construído na coletividade durante o período na faculdade.

Como em toda pesquisa, o presente estudo aponta, em seu encerramento, para possibilidades de aprofundamento em pesquisas posteriores. Por exemplo, seria relevante uma pesquisa etnográfica que acompanhasse a turma por, pelo menos, um tempo-escola inteiro, para compreender mais amplamente as dinâmicas que se estabelecem nesse contexto. Além disso, seria importante entrevistar mais estudantes, a fim de obter uma visão mais completa da turma. Também seriam interessantes entrevistas com os coordenadores do Instituto, para compreender como eles percebem o processo de formação militante naquele espaço. Por fim, seria necessária uma pesquisa com egressos do Instituto Educar para analisar se e como as condições e disposições ao engajamento, construídas e/ou reforçadas durante o período no Instituto Educar, efetivam-se ou não em carreiras militantes posteriores. Esse último foco é o objeto de uma nova pesquisa que está em desenvolvimento neste momento.

Referências bibliográficas

ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 31, p. 509-534, jul./dez. 2008.

BARCELLOS, Sérgio Botton. **Formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil**: atores e fluxos políticos nesse processo social. 2014. 306 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BECKER, Howard S. Notes on the concept of commitment. **The American Journal of Sociology**, v. 66, n. 1, p. 32-40, 1960.

BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1996.

BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011a. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRENNER, Ana Karina. Tornar-se militante: experiências de 3 jovens engajados em partidos políticos. Trabalho apresentado na **IX Reunião de Antropologia do Mercosul**, Curitiba, 10-13 jul. 2011b.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CORADINI, Odaci Luiz. Escolarização, militantismo e posições políticas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2006.

CORADINI, Odaci Luiz. Recursos de origem, investimentos e expectativas de retribuição na militância do MST. **Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociología**, Zulia, v. 19, n. 3, p. 445-473, jul./set. 2010.

DIANI, Mario. Introduction: social movements, contentious actions, and social networks: "from metaphor to substance?". In: DIANI, Mario; McADAM, Doug (org.). **Social movements and networks***:* relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

DIANI, Mario; McADAM, Doug (org.). **Social movements and networks***:* relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

FERNANDES, Bernardo Mançano. O MST e as reformas agrárias do Brasil. **OSAL**, Buenos Aires, n. 24, p. 73-85, out. 2008.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue Française de Science Politique**, Paris, v. 51, n. 1-2, p. 199-217, 2001.

FILLIEULE, Olivier. Some elements of an interactionist approach to political disengagement. **Social Movement Studies**, v. 9, n. 1, p. 1-15, jan. 2010.

GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. **Swiss Political Science Review**, v. 11, n. 1, p. 157-188, 2005.

MARTINS, Leonardo Rauta. Ex-alunos da Escola Família Agrícola de Olivânia: quem são e quais seus projetos para o futuro? **Revista IDeAS**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 1-23, jan./dez. 2021.

MATONTI, Frédérique; POUPEAU, Franck. O capital militante: tentativa de definição. **Plural**, São Paulo, n. 13, p. 127-134, 2006.

MCADAM, Doug. The biographical consequences of activism. **American Sociological Review**, v. 54, n. 5, p. 744-760, 1989.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente***:* movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, p. 134-150, 1997.

MISCHE, Ann. Cross-talk in movements: reconceiving the culture-network link. In: DIANI, Mario; McADAM, Doug (org.). **Social movements and networks**: relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MISCHE, Ann. **Partisan publics**: communication and contention across Brazilian youth activist networks. Princeton: Princeton University Press, 2008.

MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 130-142, jan./abr. 2009.

MOURA, Joana Tereza Vaz de; SILVA JUNIOR, Marcos Aurélio Freire da; SILVA, Jenair Alves da. Da invisibilidade à ação no campo político: dinâmicas da juventude rural nos processos participativos das conferências nacionais. **O Social em Questão**, v. 3, n. 51, p. 1-31, 2021.

OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva**: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Wilson J. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 49-77, jan./jun. 2010.

PASSY, Florence. Social networks matter. But how? In: DIANI, Mario; McADAM, Doug (org.). **Social movements and networks**: relational approaches to collective action. Oxford: Oxford University Press, 2003.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Life-spheres, networks, and sustained participation in social movements: a phenomenological approach to political commitment. **Sociological Forum**, New Jersey, v. 15, n. 1, p. 117-144, 2000.

REIS, Eliana Tavares dos. **Contestação, engajamento e militantismo**: da "luta contra a ditadura" à diversificação das modalidades de intervenção política no Rio Grande do Sul. 2007. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 200-255, dez. 2011.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e a lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 21-39, maio/ago. 2009a.

SEIDL, Ernesto. Escolarização e recursos culturais na composição de carreiras militantes. **Cadernos CERU**, São Paulo, série 2, v. 20, n. 1, p. 155-169, jun. 2009b.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília**, v. 3, p. 23-48, 2010.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 21, p. 189-228, set./dez. 2016.

SILVA JUNIOR, Marcos Aurélio Freire da. **As estruturas simbólicas e as relações de poder que perpassam a juventude em comunidades rurais**: um estudo de caso em Bebida Velha – Pureza/RN. 2020. 101 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

TOMIZAKI, Kimi; ROMBALDI, Maurício. Construindo a legitimidade: reflexões sobre as transformações das práticas de militância no movimento sindical. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 93-112, maio/ago. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. **Projeto pedagógico da turma especial do curso de graduação em Agronomia – Bacharelado**. Erechim, 2019.

Julia Latorres de Souza Mittelmann
Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: julia.lsm@hotmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9369352045872801
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-7350-9887

Marcelo Kunrath Silva
Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996), doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2001) e pós-doutorado no Watson Institute for International Studies/Brown University (2008). Professor Titular do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Tem experiência na área de Sociologia Política, com o desenvolvimento de pesquisas nos seguintes temas: democracia, cidadania, conflitualidade, participação social, orçamento participativo, conselhos de políticas públicas, associativismo, movimentos sociais e engajamento militante. Coordena o Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento - GPACE (http://www.ufrgs.br/gpace/pt/). É vice-coordenador do INCT - Participa.
E-mail: mksilva@ufrgs.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3630123802753991
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5392-515X